

ENCARCERAMENTO FEMININO EM BARRA DO GARÇAS – MT: perfilsocioeconômico das detentas e motivações para o crime

Valéria Marcia Queiroz

Doutoranda em Sociologia – Universidade Federal de Goiás

vm.queiroz@uol.com.br

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo apresentar os motivos que levaram ao cárcere, devido ao tráfico de drogas, mais de uma centena de mulheres no município de Barra do Garças – MT, no período de uma década, 2005-2014. Para tanto, este trabalho fundamenta-se em teorias que discutem a criminalidade e, mais especificamente, a criminalidade feminina. Por meio dele busca-se compreender como as teorias supracitadas possibilitam entender o fenômeno do encarceramento feminino na Cadeia Pública de Barra do Garças – MT. Para o desenvolvimento deste baseou-se na metodologia quali-quantitativa utilizando a análise de entrevistas e documental para se construir o perfil das detentas, bem como, para conhecer, a partir do discurso delas, as motivações para o envolvimento com a criminalidade, sobretudo, com o tráfico de drogas.

Palavras Chave: Criminalidade; Mulheres; Encarceramento.

FEMALE INCARCERATION FEMININO IN BARRA DO GARÇAS – MT: profile socioeconomic of prisoners and motivations for crime

Abstract

This paper aims to present the reasons that led to the detention of more than a hundred women in the municipality of Barra do Garças - MT, during a decade, 2005-2014. Through it, it seeks to understand how the aforementioned theories make possible to understand the phenomenon of female incarceration in the Public Jail of Barra do Garças - MT. For this development, it was based on the quantitative-qualitative methodology, using the analysis of interviews and documents to build the profile of the prisoners, as well as, to learn from their discourse, the motivations for their involvement with crime, especially with drug trafficking.

Keywords: Crime; Women; Incarceration.

INTRODUÇÃO

Compreender as questões pertinentes a criminalidade no Brasil é uma tarefa, no mínimo, complexa, sobretudo, quando se propõe a pensar nos fatores que motivam as mulheres a se inserirem na criminalidade por tráfico de drogas.

Os estudiosos dessa questão apresentam explicações diferentes a essa problemática social. Para Soares e Ilgenfritz (2002), a inserção de mulheres na criminalidade ocorre por um processo de vitimização, decorrente de dificuldades socioeconômicas que as impulsionam para o mundo do crime. Costa (2008), sustenta que o fator determinante dessa questão é a afetividade, ou seja, as mulheres, influenciadas por companheiros, filhos, irmãos, etc, se envolvem no tráfico de drogas, muitas vezes, como prova de afeto. Oliveira (2014), entende ser uma questão de escolha. Para esta autora o que motiva o envolvimento de mulheres em redes criminosas é a busca de poder, status ou vida fácil. Já para Guedes (2006) e Barcinski (2009b), a soma dos fatores como as dificuldades financeiras e a busca de poder e status seriam a mola propulsora do envolvimento de mulheres na criminalidade.

Destacadas as correntes de pensamento que procuram compreender a criminalidade feminina vale ressaltar que esse fenômeno social tem se ampliado consideravelmente nas duas últimas décadas no Brasil. Assim, têm-se que em 2005 o número de mulheres presas no país era de 17.086, em dezembro de 2016 esse número já era de 42.355 mulheresⁱ. Esse aumento fez com que o Brasil passasse a ocupar o 4º lugarⁱⁱ no ranking de encarceramento feminino.

O aprisionamento feminino no município de Barra do Garças – MT, onde se desenvolveu este estudo, consideradas as devidas proporções, não destoa muito da realidade brasileira, pois, entre os anos de 2005 e 2014 a população feminina encarcerada dobrou em quantidade. Passou de 17 mulheres presas nesse primeiro ano para 34 em 2014, sendo que em 2008 foram aprisionadas 61 mulheres.

Diante dessa realidade, o que se objetiva neste artigo é apresentar os motivos que levaram ao cárcere, devido ao tráfico de drogas, mais de uma centena de mulheres no município de Barra do Garças – MT, no período de uma década, 2005-2014.

Acredita-se que ao apontar as motivações para a inserção de mulheres na criminalidade políticas públicas podem ser elaboradas para o enfrentamento desse problema social que vem atingindo, a cada ano, um número maior de famílias no Brasil e no mundo.

METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido na perspectiva da pesquisa social qualitativa e interpretativa, visto que esse método possibilita apreender o conteúdo, não apenas em seu sentido manifesto, mas também os meandros, as entrelinhas dos discursos. Na tentativa de melhor compreender as motivações femininas para a inserção na criminalidade foram

realizadas com 15 mulheres que se encontravam presas na Cadeia Pública de Barra do Garças – MT entre os meses de maio de 2015 e fevereiro de 2016. Para a realização das entrevistas foram necessários quatro visitas à cadeia pública, sempre preferindo os dias de feriados, por saber que nessas datas elas não estariam frequentando nem a escola e nem os cursos oferecidos a elas no presídio, e que, portanto estariam mais disponíveis para participarem das entrevistas. A técnica de entrevista de narrativa a foi utilizada com as detentas, pois, por esse meio é possível “que cheguemos perto de realizar uma reprodução integral da sequência da ação ocorrida ou do conteúdo da vivência em questão e em uma aproximação relativamente eficaz.” (ROSENTHAL, cap. 5, doc. 5.4.2). Em relação as entrevistadas, vale ressaltar que, visando garantir o anonimato dessas mulheres, todos os nomes utilizados são fictícios.

Já o perfil das detentas foi elaborado a partir da análise das Fichas de Qualificação e Matrícula do Reeducao e do Mapa de Movimentação dos presos, referentes ao período compreendido entre 2005 e 2014. Esses documentos fazem parte da rotina da Cadeia Pública de Barra do Garças – MT, sendo, o primeiro preenchido no momento em que a pessoa é encaminhada para a prisão e o segundo, um relatório mensal enviado para o Juiz Criminal da cidade, relacionando todos os presidiários que estão detidos naquela Cadeia. Porém, é valido mencionar, que nem sempre esses documentos são totalmente preenchidos, muitas lacunas foram observadas no preenchimento dos mesmos, principalmente nas informações referentes à escolaridade, profissão e número de filhos. Mas, mesmo com essas deficiências procurou-se construir o perfil dessas detentas, a fim de melhor conhecer o universo de estudo.

Para a construção deste estudo, ainda, fundamentou-se na revisão bibliográfica das teorias referentes a criminalidade no intuito de melhor compreender as motivações para inserção de mulheres em atividades criminosas, e, ainda, nas anotações feitas no caderno de campo e nas observações feitas durante as visitas na referida cadeia.

CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO UNIVERSO DE ESTUDO

No intuito de melhor situar o leitor em relação ao lócus onde se desenvolveu a pesquisa apresentar-se-á alguns dados referentes ao município de Barra do Garças – MT.

O município de Barra do Garças situa-se na Região Centro-Oeste brasileira, no estado de Mato Grosso, distante 500 km da capitalⁱⁱⁱ, Cuiabá, e 400 km de Goiânia-GO, sendo a fronteira entre os dois estados. Possui uma população de 56.560^{iv} habitantes e configura-se como local de passagem para o escoamento de drogas para os grandes centros, por meio das BRs 070 e 158 que cortam o município. Com essa localização, o Município em questão está

na rota do tráfico de drogas^v, sobretudo, das que vêm da Bolívia para serem distribuídas no Sudeste do país. Além disso, o município possui uma visibilidade maior que os demais com os quais faz fronteira, pelo fato dele está se constituindo como polo educacional, de saúde e de comércio, na região Sudeste do estado, fato este que, paralelamente, tem propiciado um aumento populacional e, também, da criminalidade, sobretudo, do tráfico de drogas.

Perfil Socioeconômico das Detentas da Cadeia Pública de Barra do Garças – MT

Quanto ao perfil das mulheres que se encontravam presas, no período compreendido entre os anos de 2005 e 2014, em Barra do Garças – MT, pode se afirmar que não se distingue muito dos perfis apresentados em estudos semelhantes desenvolvidos em outras localidades brasileiras, tais como Montes Claros^{vi} - MG e Londrina^{vii} - PR. Conforme Lobato: “Na atualidade, a mulher infratora tende a ser jovem, pertencer a uma baixa classe sócio econômica e ter baixa escolaridade.” (LOBATO, s/d, p. 3). Contudo, cabe aqui apresentar alguns dados que foram revelados na análise das Fichas de Qualificação e Matrícula do Reeducando e do Mapa de Movimentação dos presos. Constatou-se que entre os anos de 2005 e 2014 foram detidas 395 mulheres na Cadeia Pública de Barra do Garças – MT, sendo que 156 foram por tráfico de drogas, o que representou 39,4% das prisões efetuadas, conforme a Tabela 1.

Tabela1: Número de Mulheres Presas na Cadeia Pública de Barra do Garças– MT – 2005/2014

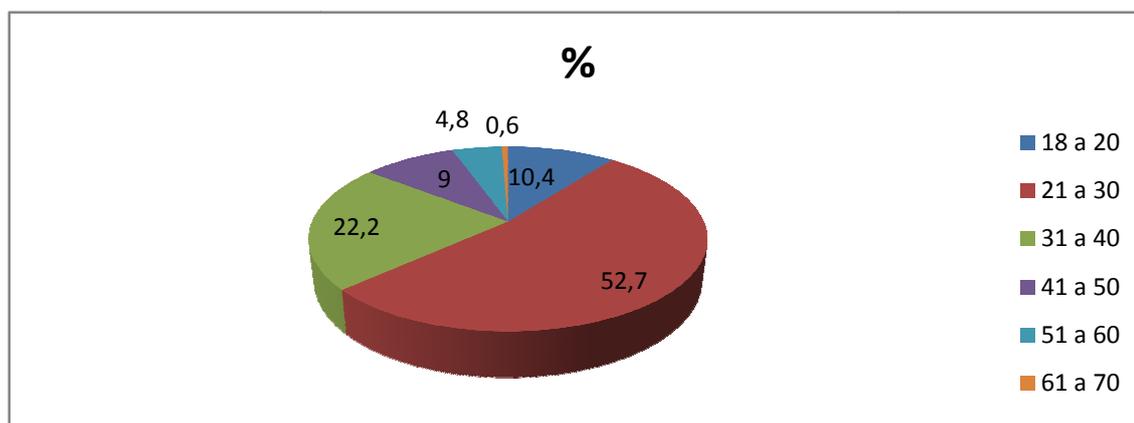
ANO	NÚMERO DE MULHERES PRESAS GERAL	NÚMERO DE MULHERES PRESAS POR TRAFICO DE DROGAS
2005	17	07
2006	15	05
2007	44	21
2008	61	26
2009	52	15
2010	56	15
2011	46	18
2012	38	27

2013	32	12
2014	34	11
TOTAL	395	156

Fonte: Fichas de Qualificação e Matrícula dos Presos e Mapa de Movimentação

Em relação à idade constatou-se que a maioria (52,7%) das mulheres presas está compreendida entre a faixa etária de 20 a 30 anos (Gráfico 1). Tal dado evidencia que tais mulheres estão em plena idade produtiva, momento em que geralmente já são mães, tendo, portanto, de prover o sustento dos filhos.

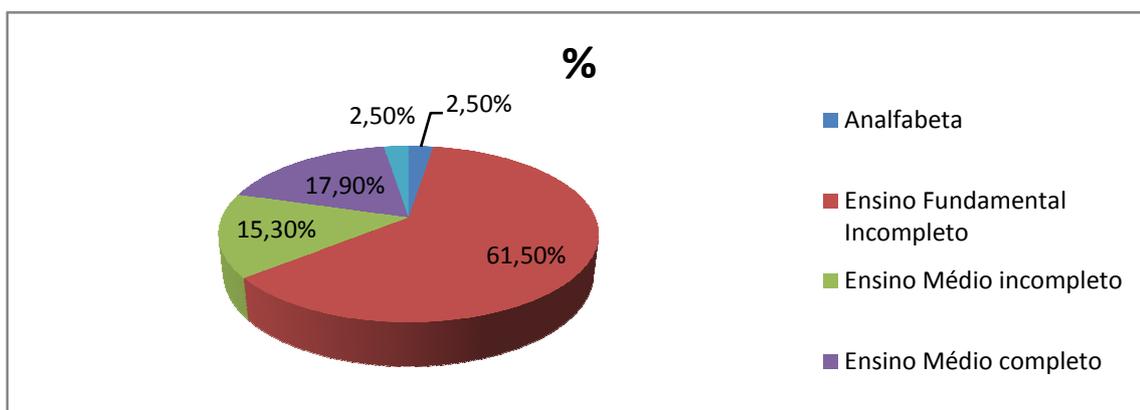
Gráfico 1: Faixa Etária das Detentas da Cadeia Pública de Barra do Garças – MT – 2005/2014



Fonte: Fonte: Fichas de Qualificação e Matrícula dos Presos

É importante mencionar que o item escolaridade, bem como outros, tais como estado civil, profissão, número de filhos, etc, nem sempre estavam informado nas fichas de qualificação, apresentando um número de informações a esse respeito que não contempla o todo, ou seja, das 156 fichas de qualificação das detentas somente 39 apresentava essa informação. Com base nos dados informados, a maioria, ou seja, 61,5% das mulheres, presas por tráfico de drogas, possuem apenas o Ensino Fundamental incompleto, conforme dados apresentados no gráfico 2.

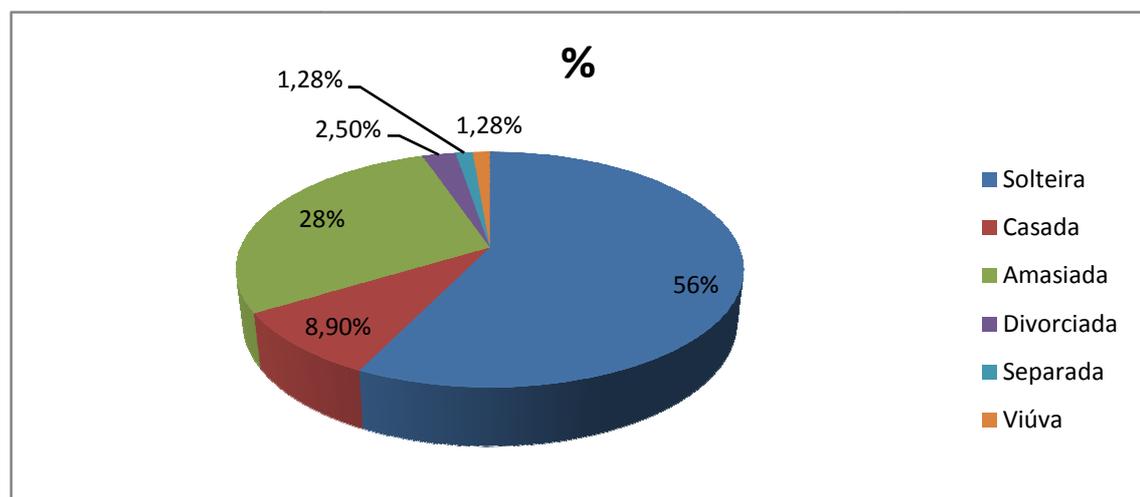
Gráfico 2: Escolaridad das detentas da Cadeia Pública de Barra do Garças – MT – 2005/2014



Fonte: Fichas de Qualificação e Matrícula dos Presos

Com relação ao estado civil 56% são de mulheres solteiras, conforme revela Gráfico 3. Contudo, nas entrevistas algumas mulheres revelam que antes de serem presas tinham companheiros, mas que foram abandonadas ao irem para a prisão. O gráfico foi construído conforme denominações apresentadas pelas detentas nos documentos analisados.

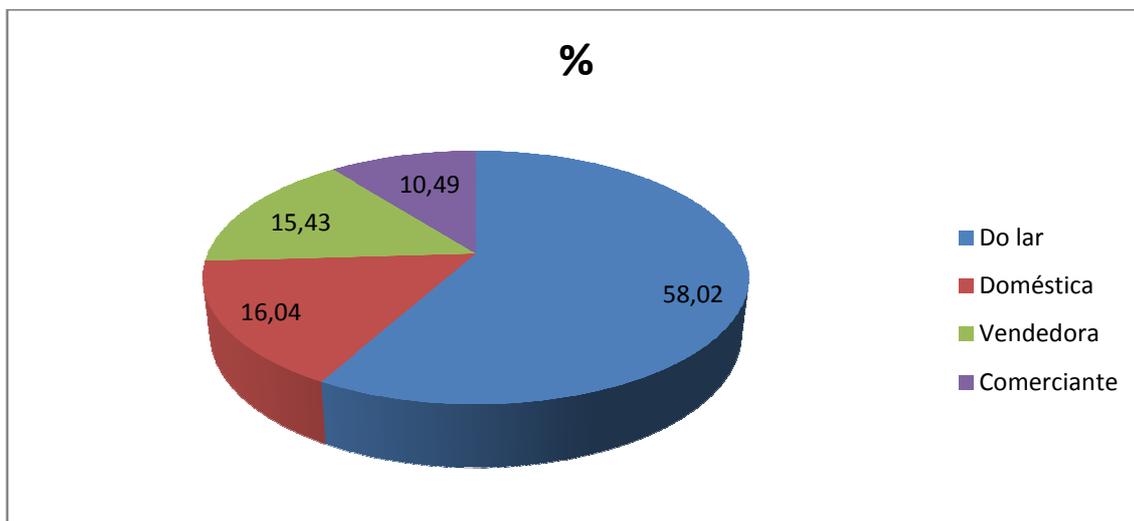
Gráfico 3: Estado Civil das Detentas da Cadeia Pública de Barra do Garças – MT – 2005/2014



Fonte: Fichas de Qualificação e Matrícula dos Presos

Quanto a profissão que elas exerciam antes de serem presas 58,02 se auto declaram nas fichas analisadas serem do lar e domésticas. No entanto, outras profissões são mencionadas, tais como: vendedoras e comerciante, conforme gráfico 4.

Gráfico 4: Profissões das Detentas antes de serem presas na Cadeia Pública de Barra do Garças- MT – 2005/2014



Fonte: Fichas de Qualificação e Matrícula dos Presos

A maioria das detentas possui, em média, dois ou mais filhos. Contudo, nas fichas dessas mulheres aprisionadas por tráfico de drogas, apenas doze fichas apresentavam essa informação, o que inviabiliza a confecção de gráfico, devido a sua pouca representatividade do real.

MOTIVAÇÃO DA CRIMINALIDADE FEMININA: SEGUNDO AS TEORIAS E AS DETENTAS

Ao se pensar em discutir os motivos que levam os indivíduos a cometerem atos ilícitos não se pode furtar do debate acerca da criminalidade. Assim, Durkheim (1999), ao discutir essa questão aponta o crime como fato social normal e defende que “O crime não se observa apenas na maior parte das sociedades desta ou daquela espécie, mas em todas as sociedades de todos os tipos. Não há nenhuma onde não exista uma criminalidade” (DURKHEIM, 1999, p. 66-67).

Já Young (2002), entende que o aumento da criminalidade é fruto da combinação letal entre a privação relativa e o individualismo. Segundo ele:

a privação relativa é que é a causa poderosa da criminalidade (...) os padrões materiais relativos dos indivíduos comparados uns com os outros, um sentido de desigualdade, de recompensa injusta em relação ao mérito. Assim, à medida que os grupos começam progressivamente a reivindicar maior igualdade de recompensa e cidadania mais plena, sua privação relativa aumenta e, não havendo nenhuma solução coletiva à vista, ocorrerá criminalidade. (YOUNG, 2002, p. 86).

Em relação ao individualismo Young (2002) cita Hobsbawm ao defender que “é o individualismo que leva os descontentes a gerarem as ‘selva hobbesiana’ dos pobres urbanos, um universo em que seres humanos vivem lado a lado mas não como seres sociais” (HOBSBAWM *apud* YOUNG, 2002, p. 80).

Na tentativa de se compreender os motivos que levam as mulheres a se inserirem na criminalidade por tráfico de drogas, sobretudo em Barra do Garças – MT, fundamentando-se nos estudos de Young (2002), ao defender a ideia de privação relativa como mecanismo desencadeador da criminalidade, observa-se que tal pensamento vai ao encontro da fala de uma detenta entrevistada, na Cadeia Pública do referido município. Pois, a sua justificativa para a inserção na criminalidade elucida essa privação relativa de bens materiais. Ao ser questionada sobre porque começou a traficar drogas ela responde: “Tinha uma vizinha minha, mas ela não me influenciou não, mas eu ficava olhando, aquele dinheiro que eu ganhava dentro de um mês ela ganhava dentro de 3 dias, aí eu falei, mas moço eu vou vender né? Aí vim pra cadeia (risos)” (Beatriz). Essa fala revela, sobretudo, a privação relativa, pois, a mulher entrevistada, que possuía emprego concursado no município, ao observar a privação relativa de bens materiais que possuía em relação a sua vizinha que se sustentava com o tráfico de drogas optou, por também, se inserir no mundo do crime para obter ganhos similares a sua vizinha, para, desse modo, conseguir um padrão de vida melhor.

Soares e Ilgenfritz (2002) ao analisar a situação das mulheres encarceradas na cidade do Rio de Janeiro – RJ apontam os fatores de ordem econômica como condicionantes para a inserção das mulheres na criminalidade. Estas autoras defendem que a maioria das mulheres que entraram para a criminalidade, foi motivada por circunstâncias, fundamentalmente, socioeconômicas. Nesse sentido as autoras afirmam que:

[...] entrar ou não para o tráfico nunca chegou a ser uma opção, uma escolha livre, mas uma necessidade e uma imposição, já que a maioria procede de favelas e dos bairros da periferia, onde o tráfico impera como uma máquina de fazer dinheiro para uns e uma máquina de destruir vidas para outros. (SOARES e ILGENFRITZ: 2002, p. 06).

Moki (2005), também defende que a entrada da mulher no tráfico pode ser correlacionada com o desemprego feminino, os baixos salários e o aumento de mulheres responsáveis financeiramente por suas famílias.

Nas entrevistas realizadas, apontar a situação econômica como causa para se envolver com o tráfico de drogas, foram apenas duas das entrevistadas, as quais disseram: “Os trem

começou a ficar apertado, aí achei que a vida era mais fácil.” (Flávia) e “Primeiramente eu nunca tive vontade, mas tava muito apertada e ele (namorado)pediu pra ajudar, aí eu fui ajudar, né.” (Bianca). Flávia revela, ainda, o seu desejo de ganhar dinheiro de modo mais fácil também e Bianca relaciona o seu envolvimento com o tráfico também como forma de ajudar o parceiro.

Com base nesses depoimentos constata-se que as dificuldades econômicas, a crença de que conseguir dinheiro por meio do tráfico é tarefa fácil e a tentativa de ajudar o companheiro são fatores determinantes para o envolvimento de mulheres com o tráfico de drogas. Porém, ao correlacionar os motivos, apresentados por elas, para se envolverem com o tráfico de drogas com o perfil das detentas constata-se que todas elas compõem àquela parte da sociedade menos favorecida, que não conseguiram galgar muitos degraus rumo à escolaridade, e, conseqüentemente, quando estavam empregadas, ocupavam as profissões menos remuneradas, no mercado de trabalho, como domésticas e vendedoras ambulantes. Esses dados revelam a força do fator econômico a impulsioná-las para a criminalidade, mesmo quando isso não é mencionado e, na maioria das vezes, nem mesmo percebido por elas.

Identificando a inserção de mulheres na criminalidade como atitude voluntária, consciente na busca do poder, mas, também, como uma consequência das crises, sobretudo, econômicas está Barcinski (2009b), que defende que “[...] a dificuldade de inserção no mercado formal de trabalho e a necessidade de sustentarem seus filhos e suas famílias aparecem como elementos determinantes de suas escolhas” (BARCINSKI, 2009b, p.1846). Mas, também entende que, neste universo da criminalidade, existem mulheres que apontam o poder e o *status* como motivadores para a participação nas atividades criminosas. Nesse sentido, defende que:

[...] o valor pessoal – o poder – desses jovens é dado pelo impacto que causam nos outros, pelo medo que suscitam ao portarem armas pesadas e ao serem reconhecidos como membros de um grupo criminoso.[...] ser mulher envolvida no tráfico distancia as participantes de outras mulheres ao seu redor, fazendo com que elas experimentem o poder outrora somente experimentado por homens(BARCINSKI, 2009B, p. 1847).

Segundo esta autora diversos contextos impulsionam a inserção de mulheres na criminalidade, tanto a precariedade de oportunidades para se inserir no mercado de trabalho quanto a possibilidade de obter *status* e poder mediante a participação em uma rede criminosa.

Das entrevistas realizadas três apontaram a busca de dinheiro fácil como justificativa para começar a traficar. Juliana, por exemplo, quando questionada sobre por que se envolveu com o tráfico de drogas revela: “Porque achava meio de vida mais fácil para ganhar a vida, o que eu ganhava em um dia, tinha que trabalhar um mês pra mim ganhar.” (Juliana). Raíssa afirma que: “Via os outros vendendo, dinheiro fácil, né. A gente não pensa, né? Pra ganhar dinheiro mais rápido. (Raíssa). E Letícia apresenta motivação parecida, mas acrescenta o uso de drogas:

Assim, dinheiro fácil né, o dinheiro era muito fácil, a gente nunca queria esperar o mês acabar pra receber, aí todo dia queria dinheiro pra comprar alguma coisa, pra fumar. Aí fui envolvendo, envolvendo quando fui ver não dava mais conta de sair das drogas. Eu fumava e vendia maconha. Eu sempre fui muito ambiciosa, sempre querendo mais e mais. (Letícia)

Esses depoimentos aproximam-se da teoria de Zaluar (1993) que entende que as mulheres muitas vezes participam de atos delinquentes para sustentar o vício. Vale registrar que de todas entrevistadas, apenas seis, revelaram não serem usuárias de drogas. Contudo, elas não apontam a manutenção do vício como motivo para traficar, o que pode ser apenas uma das muitas facetas que as empurram para a criminalidade.

Entendendo a participação das mulheres na vida criminosa como resultante de fatores socioeconômicos e de busca de poder pessoal, Guedes (2006), pontua que “o poder via criminalidade, o dinheiro fácil, a autoridade de bandido e a não submissão às regras sociais”(GUEDES, 2006 p.568), juntamente com as questões econômicas, impulsionam as mulheres para o crime.

Vale ressaltar que nenhum dos autores acima mencionados entende que a criminalidade feminina seja decorrente apenas de uma escolha voluntária. Todos associam-na como resultante da junção dos fatores de ordem econômica e de busca de poder e status.

Nessa mesma direção, apontando a questão do protagonismo feminino no crime Barcinski (2009), defende que é possível constatar que existe uma dubiedade de protagonismo e vitimização que dificultam a compreensão dessa problemática social. Assim ela conclui que “As contradições reconhecidas no discurso das participantes, que ora posicionam-se como agentes, ora como vítimas inocentes, apontam para a complexidade do fenômeno da criminalidade feminina.” (BARCINSKI, 2009, p.12).

Contudo, a teoria que parece ter mais aceitação, dentre os estudiosos da criminalidade feminina é a que aponta para a associação entre a inserção na criminalidade e os relacionamentos afetivos. Nesse grupo estão àqueles estudiosos que entendem a prática de

atos delituosos femininos como sendo impulsionada por suas relações afetivas. Entendem que, as mulheres, por estarem submetidas a uma cultura machista, que as subordinam aos homens, são capazes de se inserirem na criminalidade, às vezes, até como prova de afeto.

Steffensmeier (1996), também defende que os crimes femininos são de caráter relacional, pois, as pesquisas apontam que a influência de homens na iniciação de mulheres em carreiras criminosas é um fato recorrente apontado pelos estudos. Jacinto (2011), afirma que “As mulheres condenadas por tráfico de drogas majoritariamente relataram se envolver nesta atividade em virtude da união afetiva com alguém que traficava.” (JACINTO, 2011, p. 49). Zaluar (1993), também entende as mulheres criminosas como “meras coadjuvantes ou vítimas” (ZALUAR, 1993, p.141). Para esta autora a participação da mulher em práticas ilícitas deve-se ao envolvimento afetivo com um bandido, ou pelo vício. Participam de tais atos delinquentes para ajudar o namorado ou para sustentar o vício. Soares e Ilgenfritz (2002) afirmam que o que tem levado as mulheres a praticarem o tráfico de drogas é o vínculo afetivo com marido, namorado e/ou companheiro, pois acabam tornando-se cúmplices, ou, após a prisão dos companheiros, começam a buscar sozinhas, “trabalhos”, como forma de garantir o sustento da família.

Costa (2008) busca compreender a relação entre as representações femininas do amor com a participação de mulheres em ações delituosas. Assim, defende que a forma como as mulheres compreendem os seus papéis nas relações de afeto são determinantes para práticas ilícitas, sobretudo, às relacionadas às drogas. Partindo desse pressuposto e considerando os resultados de sua pesquisa ela conclui que:

Os significados e sentidos que elas atribuem ao amor e ao papel que devem desempenhar no contexto das relações de afeto são construídos a partir de práticas interacionais ao longo de suas vidas, e levam-nas a vivenciar relacionamentos afetivos pautados pela cultura de submissão da mulher ao homem. Como suas práticas são referenciadas por essas representações, elas tendem a agir em nome desse afeto. Portanto, verificamos que há, de fato, estreita ligação entre o amor e as práticas femininas relacionadas às drogas (COSTA, 2008, p. 13)

Em relação ao aprisionamento motivado por questões afetivas, o estudo realizado na cadeia de Barra do Garças – MT, apontam apenas duas situações. A primeira por cumplicidade e a segunda por estar levando drogas para o companheiro que se encontrava preso. Tereza, que foi presa pela segunda vez, afirma que: “Fui presa por que a promotora recorreu e falou que eu sabia e não contei.” E Glória, que chora durante toda a entrevista,

demonstrando arrependimento, ao ser questionada sobre o motivo da prisão alega que “Tava trazendo droga para o meu marido.”(Glória)

Relacionando essa teoria que aponta a afetividade como uma das principais causas de aprisionamento feminino por envolvimento com tráfico de drogas com este estudo, pode-se afirmar que ela não foi fator determinante para o aprisionamento das mulheres envolvidas neste trabalho, pois, das 15 entrevistadas somente duas alegaram essa motivação, o que, talvez, aponta para as constantes mudanças na realidade social.

Bianchini (2012), é outra estudiosa dessa temática que procura explicar o aumento do aprisionamento de mulheres, sobretudo, pelo tráfico de drogas. Assim, ela desenvolve a teoria da vulnerabilidade das mulheres. Defende que o aumento do aprisionamento de mulheres, no Brasil, deve-se ao fato de que as mulheres estão mais vulneráveis a serem presas devido às funções que desenvolvem na criminalidade serem menos importantes que as desempenhadas pelos homens, e, por isso, tornam-se alvo fácil para a polícia, enquanto, os homens, que realizam atividades mais significativas, na hierarquia do crime, correm menos riscos de serem aprisionados. Assim, Bianchini (2012), referindo-se a uma pesquisa desenvolvida com mulheres presas no Instituto Penal Feminino Auri Moura Costa, em Fortaleza, Ceará, afirma que:

Tais mulheres, exatamente por estarem diretamente ligadas ao objeto final do crime, ou seja, na frente mais arriscada do negócio, são as primeiras a serem presas, enquanto muitos homens passam inteiros à prisão e impunes. A ocupação de posições mais baixas e mais expostas e o recebimento de menos dinheiro, tal qual ocorre no mercado formal de trabalho deixa-as mais vulneráveis à prisionização (BIANCHINI, 2012, p.2).

Nessa mesma discussão, procurando explicar os papéis desempenhados pelas mulheres nas organizações criminosas e revelando que nestes espaços também perpassam as determinações das relações de gênero Soares e Ilgenfritz (2002), apontam que:

esse aumento de mulheres presas por causa do tráfico teria por causa a maioria das mulheres desempenhar funções subalternas na escala hierárquica, sendo, assim, mais facilmente presas, em ordem decrescente de frequência e importância da função feminina associada ao tráfico: “bucha” (pessoa que é presa por estar presente na cena em que são efetuadas outras prisões), consumidoras, “mula” ou “avião” (transportadoras da droga), vapor (que negocia pequenas quantidades no varejo), “cúmplice” ou “assistente/fogueteira. (SOARES e ILGENFRITZ, 2002, p.125)

O delegado Paul Verduraz, aposta na teoria da invisibilidade da mulher como autora de crimes. Em reportagem a Revista Veja (2012) afirma que “[...] elas parecem menos

ameaçadoras, despertam mais confiança. Quem suspeita de uma mulher?”. Corroborando tal fato o delegado Joaquim Dias Alves, na mesma reportagem defende que “O homem demora a perceber que está sendo alvo de um golpe ou mesmo de roubo quando ele é praticado por uma mulher”. Nessa mesma linha de pensamento, Jacinto (2011), ressalta que “[...] sua racionalidade permite permanecer muito mais tempo que o homem exercendo a atividade de traficância, sem ser selecionada pelo sistema punitivo.” (JACINTO, 2011, p. 49).

A teoria que explica o aumento da criminalidade feminina pela questão da invisibilidade da mulher também pôde ser constatada na entrevista de uma das detentas que afirmou: “Eu sai de casa, fui pro pagodinho com meu primo. Aí ele pediu pra mim guardar, né. E um colega dele também pediu pra mim guardar, aí na hora que os policial foi revistar eles eu tava junto, aí eles me revistaram e pegaram a droga comigo.” (Patrícia). Nesse caso, ao que parece, os usuários de drogas passaram a mesma para a mulher que estava com eles, na esperança de que essa não seria revistada. O que não deu certo, pois, o frequente aprisionamento de mulheres devido ao envolvimento com drogas, parece estar deixando os policiais mais em alerta em relação a possibilidade de participação de mulheres em atividades ilícitas.

Outra situação que aponta para uma mudança da realidade em relação ao envolvimento com o tráfico de drogas que se constatou, por meio das entrevistas, foi que, assim como em muitas situações as mulheres são envolvidas no tráfico por causa de seus relacionamentos afetivos, o contrário também vem ocorrendo. Assim, duas entrevistadas revelaram que seus parceiros haviam sido presos por estarem com ela no momento da prisão, sem nunca terem traficado. Nesse sentido, Aline, ao ser questionada se havia sido envolvida no tráfico por causa do companheiro afirma: “Quando ele me conheceu eu já usava, inclusive ele me dava conselho para parar e tudo, ele trabalhava meu esposo, eu é que sou errada na história.(risos)”. E Letícia, que anteriormente menciona ter se envolvido com o tráfico por ser um meio de obter dinheiro fácil e rápido, revela:

Meu segundo esposo eu conheci ele numa boca de fumo que eu tinha. Aí eu me envolvi com ele, a gente não tinha um relacionamento muito fixo, ele ia lá pra ficar comigo, ai eu vendia o trem ele ia embora, voltava, ia embora, voltava, aí quando a polícia entrou dentro da minha casa pra fazer busca e apreensão eu não tava na casa, ai ele foi preso, foi condenado, puxou 3 anos de cadeia, ficou 3 anos preso, aí ele saiu e a gente continuou a mesma vida, aí passado 3 meses eu fui presa e por ele ser meu companheiro na época do fato o juiz determinou a prisão dele. Ele se encontra preso aqui já tem dois meses. As duas prisões dele foi por ele ter um relacionamento comigo. Eu sempre fui ambiciosa, ele saiu da cadeia aí ele não queria mais aquela vida porque ele já tinha pagado por um crime que ele não cometeu né, aí ele não queria mais aquela vida e sempre falava pra mim parar com essa vida e eu sempre

muito ambiciosa querendo sempre mais, mais, e mais, continuei na vida e acabei trazendo ele de novo. (Letícia)

Esses dois últimos depoimentos mostram que essas mulheres são sujeitos de suas histórias, não estão num processo de vitimização, muito pelo contrário, tornam vítimas os que dela se aproximam. Tal situação revela algumas mudanças nos aprisionamentos por tráfico de drogas, pois, se até agora o que predominava era a mulher ser levada ao cárcere por suas relações afetivas, o contrário também começa a ser observado. Contudo, somente o desenvolvimento de novas pesquisas poderá confirmar ou não se essa tendência se mantém.

Considerações Finais

Por meio deste estudo foi possível constatar que existem várias teorias que procuram compreender o envolvimento de mulheres como tráfico de drogas. Contudo, neste trabalho, pôde ser observado, por meio das teorias apresentadas, da análise do perfil socioeconômico das detentas e das entrevistas com elas realizadas, que a inserção de mulheres na criminalidade, por tráfico de drogas, ocorre motivada por dificuldades econômicas, busca por poder e *status*, relações afetivas, ou, ainda, pela soma de vários desses fatores.

Contudo, como nos diversos trabalhos a esse respeito, as explicações para o encarceramento feminino estão bem divididas entre os que defendem as privações econômicas como causa maior desse problema e os que defendem as relações afetivas como determinante dessa situação. A realização desta pesquisa não permitiu constatar quais dos dois fatores preponderaram nessa investigação, o que os dados analisados permitiram constatar é que existe uma multiplicidade de fatores que impulsionam as mulheres à criminalidade. Assim, é possível afirmar que elas aparecem nesse contexto de aprisionamento ora como vítima das mazelas sociais, econômicas e das relações afetivas e ora como sujeitos de ação, protagonistas de suas histórias que buscam na criminalidade uma vida mais fácil, onde possam ter maior qualidade de vida, mesmo sabendo do risco de serem aprisionadas.

Este estudo ainda apontou para uma nova situação que vem ocorrendo: o fato de as mulheres estarem levando para a prisão, junto consigo, os seus companheiros. Se antes os vínculos afetivos as levavam para a prisão o contrário pode estar ocorrendo. Mas isso só será possível afirmar com mais precisão a partir de novos estudos.

REFERÊNCIAS

- BARCINSKI, Mariana. ;Protagonismo e vitimização na trajetória de mulheres envolvidas na rede do tráfico de drogas no Rio de Janeiro. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*. Vol.14, n. 2. p 577-587, 2009.
- _____. Centralidade de Gênero no processo de construção da identidade de mulheres envolvidas na rede de tráfico de drogas. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*. Vol. 14, N. 5. P. 1843-1847, nov/dez/2009b.
- BIANCHINI, Alice. Mulheres, tráfico de drogas e sua maior vulnerabilidade. *Revista Jus Brasil*. Abril/2012. Disponível: <https://professoraalice.jusbrasil.com.br/artigos/121814131/mulheres-traffic-de-drogas-e-sua-maior-vulnerabilidade-serie-mulher-e-crime>. Acesso em: 12 jun 2017.
- COSTA, Elaine Cristina Pimentel. *Amor Bandido: as teias afetivas que envolvem a mulher ao tráfico de drogas*. 2ª Ed. Maceió. EDUFAL, 2008.
- DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Col.tópicos)
- GUEDES, MarcelaAtaíde. Intervenções psicossociais no sistemacarcerário feminino. *Psicologia ciência e profissão*, 26(4), 2006, 558-569.
- JACINTO, Gabriela. Mulheres presas por tráfico de drogas e a ética do cuidado.*Revista Sociais e Humanas*. Santa Maria, v. 24, n. 2, p. 36-51, jul./dez. 2011.
- JAKITAS, Renato. Um espanto: em cinco anos, aumentou em 400% o número de crimes cometidos por mulheres. *Revista Veja*. São Paulo, 15 abr. 2012.
- LOBATO, Aline. *Mulheres Criminosas: analisando a relação entre a desestruturação familiar e criminalidade*. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/242.%20mulheres%20criminosas.pdf. Acessado em: 12 jan. 2015.
- MOKI, Michelle Peixoto. *Representações sociais do trabalhocarcerário feminino*. Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2005.
- SOARES, Barbara Musemeci& ILGENFRITZ, Iara. *Prisioneiras: vida e violência atrás das grades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- OLIVEIRA, Marcilaine Martins da Silva. *Como Vender Balinhas: a presença da mulher no tráfico de drogas*. Goiânia, 2014. 157f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- STEFFENSMEIERDarrel J. & EMILIE, Allan. *Genderand Crime: TowardaGenderedTheoryofFemaleOffending*. *AnnualReviewofSociology*1996; 22:459-487.
- YOUNG, Jock. *A Sociedade Excludente*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.
- ZALUAR, Alba. Mulher de bandido: crônica de uma cidade menos musical. *Estudos Feministas*, n. 1, p. 135-142, 1993.

Recebido para publicação em 19/02/2018
Aceito para publicação em 16/07/2018

NOTAS:

ⁱFonte: Infopen Mulheres 2018.

ⁱⁱ Abaixo somente dos EUA, China e Rússia.

ⁱⁱⁱFonte:<http://www.portalmatogrosso.com.br/municipios/barra-do-garcas/dados-gerais/geografia-de-barra-do-garcas/712>.

^{iv}Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/barra-do-garcas/panorama>.

^vFonte:<http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=259193¬icia=esquema-de-traffic-internacional-tinha-a-cidade-de-barra-do-garcas-como-rota>

^{vi} Ver BRAGA, Maria Ângela F, SILVA, Geélisson F. e Martins, Sheyla Borges.